

### 13. "Que sejam um como nós somos um"

A chamada "oração sacerdotal" de Jesus no capítulo 17 de João reflete a lavagem dos pés no capítulo 13. Porque em ambos os capítulos Jesus revela seu desejo de unidade entre os discípulos. O lavar-se os pés uns aos outros, como a intensa oração de Jesus ao Pai tendem a que entre os discípulos cresça a unidade de comunhão que eternamente existe na Santíssima Trindade. Para isso Jesus expressa ao Pai o seu último e sumo desejo para nós: "Que todos sejam um, como Tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós, de modo que o mundo creia que tu me tu enviaste." (Jo 17,21)

A missão do Filho culmina no pedido ao Pai de que os discípulos possam ser um como Deus na Trindade, porque só esta unidade dos discípulos permite que a missão do Filho seja cumprida como salvação do mundo. O mundo pode crer no Filho de Deus se a unidade dos crentes Nele permitir que ele reconheça que Jesus é verdadeiramente enviado por Deus Pai. A unidade dos discípulos é, basicamente, o único verdadeiro milagre que pode suscitar a fé no mundo.

Jesus está ciente de que, para que sua missão de Salvação e Redenção seja verdadeiramente cumprida, ele não deve pedir ao Pai nada além da unidade dos discípulos. Ele não pede que façam milagres, que saibamos falar de modo a convencer os pagãos, etc. Apenas pede unidade, que os discípulos sejam um, como Deus é um em três Pessoas. Pede que os discípulos sejam um na comunhão. A unidade entre diferentes pessoas só é possível na comunhão, em uma união de relações, no ser *unidos* uns *com* os outros.

João coloca em particular evidência esta solene oração de Jesus ao Pai. O capítulo 17 começa com as palavras: "Assim falou Jesus e, com os olhos elevados ao céu, disse: Pai..." (Jo 17,1). Jesus acabou de terminar os discursos da Última Ceia. São João quer como que destacar o que Cristo acabou de dizer nesses discursos sublimes do que ele continua dizendo depois de levantar os olhos para o céu. É como se outro dizer começasse, uma nova palavra. Jesus é o *Logos*, o Verbo de Deus que se fez carne para falar ao homem. Mas permanece sempre o Verbo que João, no Prólogo do seu Evangelho, descreve como "junto de Deus", ou "voltado para Deus", e o próprio Deus: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1).

No final dos discursos da Última Ceia, o Verbo se dirige ao Pai, fala ao Pai, como ele faz desde o princípio, eternamente. A palavra que segue é, portanto, uma palavra que Jesus pronuncia em seu relacionamento eterno com o Pai, olhando-O e ciente de ser olhado pelo Pai. Mas esta palavra pronuncia-o na presença dos discípulos, e assim se torna uma comunicação direta do mistério de Deus ao homem.

No final desta oração, João começará o capítulo 18, que começa a contar a Paixão de Cristo, com as palavras: "Tendo dito isto, Jesus saiu com seus discípulos através da corrente de Cedron onde havia um jardim no qual ele entrou com os seus discípulos" (Jo 18,1). É como se antes de tudo João quisesse fechar a Palavra particular que o Verbo de Deus pronunciou com sua oração ao Pai. Ele tinha aberto com: "tendo os olhos elevados ao céu, disse" (17,1), e agora fecha com: "tendo dito isso, ele saiu"

(18,1). A oração sacerdotal era, portanto, uma manifestação particular da Palavra de Deus, uma revelação especial de Deus, uma particular teofania trinitária.

Também notamos, no entanto, que, ao contrário dos Sinóticos, João não fala sobre a oração e a agonia de Jesus no Getsêmani. É como se imediatamente, assim que Jesus e os discípulos entram no jardim, Judas chegasse com a coorte e os guardas para prender Jesus (cf. Jo 18,3ss). Isso nos faz entender que para João a oração sacerdotal no Cenáculo contém a oração do Getsêmani, ou talvez coincida com ela. De fato, em ambas as orações, Jesus pede que aconteça aquilo pelo qual a vontade do Pai e a vontade do Filho sejam unidas, coincidem, no amor mútuo e no amor por todos os homens.

Jesus, sempre no capítulo 18 de São João, pergunta aos soldados "A quem procurais?" E eles respondem "A Jesus, o Nazareno". E quando Jesus diz: "Sou eu", como Deus disse a Moisés no Sinai, todos "recuaram e caíram por terra", como se estivessem subjugados pela Presença divina que Jesus encarna (cf. 18,4-6). Podemos certamente pensar que o poder do "Eu sou" dito por Jesus é, por assim dizer, carregado do mistério que se revelou aos discípulos enquanto Ele, um pouco antes no Cenáculo, orou ao Pai.

Então podemos nos perguntar o que Deus nos revelou nesta oração culminante da vida de Jesus relatada em João 17. Nesta oração Jesus expressa três grandes intenções, que são então unidas e conectadas umas às outras: ele pede a sua própria glorificação (Jo 17,1-8); pede a fidelidade e a proteção dos apóstolos e discípulos que deixa no mundo para continuar sua missão (17,9-19); pede para todos os discípulos presentes e futuros o dom da unidade no amor, como o Pai e Ele estão unidos no Espírito, para que o mundo creia no Cristo enviado pelo Pai (17,20-26).

No fundo, Jesus pede ao Pai tudo aquilo pelo qual aceita sofrer até a morte na Cruz; pede o cumprimento daquilo em razão do que o Pai o enviou ao mundo. Por isto, todos os pedidos de Jesus culminam no terceiro pedido, no qual pede ao Pai que os discípulos sejam um como o Pai e o Filho são um. Nisto também consiste a glória do Filho: "Dei-lhes a glória que me deste, para que eles sejam um, como nós somos um" (Jo 17,22). Porque a glória de Deus é o amor, é a luz do amor infinito que Deus é, que Deus envia e recebe na comunhão das Três Pessoas Divinas.

Jesus arde com o desejo de que todos os homens participem desta glória de amor, desta *claritas* (termo com o qual se traduz em latim o grego *doxa*, glória) que é amor, desta *claritas* que é *caritas*.

"Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a minha glória que me concedeste, porque me amaste antes da criação do mundo" (17,24).

É o único ponto do Evangelho no qual Jesus diz "eu quero", dirigindo-se ao Pai. Jesus sabe que esse desejo corresponde à vontade do Pai, coincide com o que o Pai quer, com aquilo em razão do que o Pai o enviou ao mundo. É a última vontade plena de amor por nós do Filho agora "condenado à morte" pela nossa salvação. Jesus aceita livremente, até às extremas consequências, que todos os discípulos coincidam com ele na relação de amor com o Pai, isto é, que nos tornemos filhos no Filho, que estejamos "onde o Filho está" na comunhão da Trindade.